

“Negros de alma branca”. A assimilação de costumes europeus por parte da elite negra da chapada diamantina, nordeste do Brasil, nos últimos anos do século XIX e início do XX

Moiseis de Oliveira Sampaio

Estudios del ISHiR, 9, 2014, pp. 17-33. ISSN 2250-4397

Investigaciones Socio Históricas Regionales, Unidad Ejecutora en Red – CONICET

<http://revista.ishir-conicet.gov.ar/ojs/index.php/revistaISHIR>

Artículo/Article

## “Negros de alma branca”. A assimilação de costumes europeus por parte da elite negra da chapada diamantina, nordeste do Brasil, nos últimos anos do século XIX e início do XX

**Moiseis de Oliveira Sampaio** (Univesidade do Estado da Bahía, Brasil)

### Resumen

El objetivo de este artículo es analizar la asimilación de costumbres modernistas europeas por parte de la elite negra que gobernó y dirigió económica y socialmente la región de la Chapada Diamantina en la zona central de Bahía, Brasil, desde el último cuarto del siglo XIX y las primeras décadas del XX. Partiendo desde el análisis regional y trazando relaciones entre las economías europeas y brasileras de la época, se intenta comprender la influencia de las nuevas costumbres modernistas para la región viendo como dicha elite las resignificó.

**Palabras claves:** Modernidad; Chapada Diamantina; Bahía; Diamantes; Negros; Fotografía.

### Abstract

*The objective of this paper is to analyze the assimilation of European modernists customs by the black elite that ruled and commanded the region economically and socially from the Chapada Diamantina in central zone of Bahia, Brazil, in the last quarter of the nineteenth century and the early decades of the twentieth. Starting from the regional analysis and plotting relations with European and Brazilian economy of understanding way where the new modernist traditions to the region and how this elite has assumed.*

**Keywords:** Modernity; Chapada Diamantina; Bahia; Negroes; Photography.

### Introdução

Nos últimos anos do século XIX, a cidade de Morro do Chapéu na Chapada Diamantina, região central da Bahia, no nordeste do Brasil, passou por profundas transformações socioeconômicas, graças à demanda por carbonato pelas potências europeias da época, com a necessidade crescente por ferro e carvão. O carbonato era um diamante de baixa qualidade, que não tinha valor na lapidação, porém, fundamental na confecção de pontas de brocas para perfuratrizes a vapor, que dinamizaram as técnicas de mineração e escavação de túneis na época. O elevado valor do carbonato na Chapada Diamantina no mercado internacional, utilizado para suprir essas demandas, modificou a

economia no sertão, possibilitando o aparecimento de uma elite de comerciantes negros e descendentes de escravos, que dominou a região no período citado, desbancando a antiga ordem pecuarista e branca.

Para esses novos mandatários, em sua maioria composta por negros e mestiço, logo no início do comércio de carbonato, era estranho ver aqueles homens brancos e altos, que chegavam a pagar o preço de três bois por um grama do produto. Entretanto, com o contato cada vez maior com os estrangeiros incorporaram na Chapada Diamantina ideias, maneiras e costumes europeizados expressos nas roupas, teatros, bibliotecas, expressos principalmente nos jornais e fotografias. Entretanto, outra parte destas ideias, que traziam as teorias raciológicas, tiveram ser reelaboradas localmente para contemplar a essa nova elite, que pela cor da pele contrariavam o que se afirmava em teoria. Como forma de adaptar-se aos novos tempos na Bahia, os capitalistas negros adotaram posturas de branqueamento, seja através de casamentos com moças brancas pobres, embranqueando os traços nas fotografias, ou adotando o discurso de “negros de alma branca”.

Assim, mesmo que por um curto período de tempo, esses negros estabeleceram uma nova ética e estética que adaptavam princípios eugênicos para a região, preconizando não somente o branqueamento do corpo, mas também da alma, reelaborando ideias estrangeiras para o contexto sócio racial local.

### **A história regional como possibilidade para compreender a dominação política e social local.**

Os estudos sobre a história regional não são novidades na América Latina. Andrea Reguera, sustenta que a partir da publicação de “El Pueblo en Vilo”, pelo mexicano Luiz González, em 1968, emergiu uma nova forma de ver a história, a geografia e a população de um país (Reguera, 2007, p. 74). Para Carlos Martínez Assad, a História Regional é aquela cuja espaço é definido pela pesquisa e permite a partir da região compreender o nacional, é sobretudo uma questão de perspectiva que se opõe a um olhar centralista e observa a sociedade em seu conjunto dentro de um determinado, ainda que esse posicionamento vincule o regional às perspectivas da pesquisa, onde o conceito prático da região estaria sempre em construção, dadas as relações que se dão em um dado momento não são necessariamente determinadas apenas geograficamente, o posicionamento desse historiador mexicano vincula ao nacional e internacional numa relação de dependência para a compreensão, ou seja poderia compreender o nacional tendo como ponto de partida o local e não como relacional entre o micro e espaços mais amplos período (Martínez Assad, 2006, p. 215). Ainda seguindo essa perspectiva, entretanto avançando no sentido de se compreender a região, para Susana Bandieri, a história regional está mais relacionada com a geografia crítica e vinculada a história

econômica, preocupada com transformações e continuidades, passíveis de se compreender os processos sociais ocorridos em um tempo e lugar específicos, dessa maneira, a história regional preenche lacunas deixadas pela macro escala uma vez que se entende a região com o um processo de estruturação que articula tempo e espaço (Bandieri, 2007, p. 49).

A região enquanto categoria historiográfica, aproxima-se muito do que foi preconizado pela geografia crítica, agregando-se ainda que além dos aspectos econômicos, estão também em questão as variantes jurídicas, administrativas, e principalmente culturais, que se adequam ou se modificam a partir das condições dadas não somente pelo espaço, mas também pelas relações sócio históricas construídas em um determinado lugar ou território. Assim, podemos pensar a região como um território culturalmente ocupado, delimitado por fronteiras “porosas”, onde as inter-relações com outras, vão ao longo do tempo conferindo características próprias que não as distingue totalmente do nacional, mas lhe da unidade ao ponto de ser reconhecida. Isso foi evidenciado na prática, quando Luiz Gonzáles, ao estudar a pequena San José de Gracia afirma:

“A área estudada não é influente nem transcendente, mas representativa. (...)por ser única, por ser um conglomerado de tantos, por representar uma porção ampla do subconsciente nacional”.  
(Gonzáles, 1972, p. 03)

Todas estas características próprias de lugares com dimensões reduzidas, diferenciadas das demais por características econômicas, geográficas ou sociais, implica também em verificar aspectos singulares ocorridos no micro espaço em que por vezes permitem análises diferenciadas do que se tem como estabelecido na perspectiva macro analítica, fugindo da ideia enclausurada de região enquanto espaço delimitado por limites jurídicos, eclesiásticos ou administrativos, que nem sempre foram estabelecidos pelas características locais, nessa perspectiva. É reconhecido na história da Bahia que as pessoas que estabeleceram os limites acima citados nunca estiveram ou sequer conheciam as áreas por eles delimitadas, assim mesmo, as regiões foram se conformando com características e demandas específicas que não por poucas vezes obrigaram a redefinir o que fora estabelecido.

Dentre os muitos obstáculos em se analisar regionalmente a história na Bahia, está o fato de ser esse um fenômeno historiográfico muito recente no Brasil, onde os marcos que balizam a sua ação e intencionalidade ainda não estão claramente estabelecidos (se é que existem). Percebe-se no entanto que os elementos que propiciam a pesquisa historiográfica, como arquivos regionais, que somente muito recente foram disponibilizados as pesquisas e o total esquecimento por parte da história nacional, principalmente, no tocante a zona interiorana tanto da Bahia como de outros estados periféricos do Brasil, evocam na história regional a possibilidade de historicizar fenômenos

esquecidos ou considerados marginais pela historiografia e assim, dar voz a pessoas e lugares marginalizados nem somente pela sua condição social ou política, mas pelo lugar onde vivem que foram se distanciando dos centros econômicos durante o último século no Brasil. Dessa maneira, o estudo regional deve ser tomado como uma perspectiva de estudo idônea para o avanço da criticidade de problemas historiográficos que não estejam resumidos somente a questões paroquiais ou anedóticas (De Juana, 1995, p. 106), mas a mudança de perspectiva de análise com a redução de escala se percebe como questões mais amplas tiveram impactos distintos no mais recônditos lugares ou regiões. O que pode ser visto a seguir compreendendo como ideais modernistas burgueses europeus interferiram na condução de uma região recôndita do interior baiano.

### **A região e suas transformações depois da demanda por carbonatos**

A Chapada Diamantina é um altiplano encravado no centro da Bahia, nordeste do Brasil, em plena região de semiárido, conhecida como sertão da Bahia, que é mais amplamente divulgada pelas obras de literatura brasileira como “os Sertões” de Euclides da Cunha, “Vidas secas” de Graciliano Ramos, e mais recentemente por “A guerra do fim do mundo”, uma releitura de Mario Vargas Llosa, sobre a obra de Cunha, anteriormente citada. Tem uma extensão aproximada de 38000 quilômetros quadrados e uma altitude que varia entre 800 e 1200 metros acima do nível do mar

Desde meados do século XVIII, formou-se na região uma sociedade predominantemente rural e pecuarista, que recebia boiadas de outras áreas para a engorda, nas extensas fazendas, para então serem transportados para o litoral ou para as zonas mineiras, desenvolvendo um intenso comércio de animais que caracterizou todo o sertão e, na primeira metade do século XIX, notabilizou também a Chapada Diamantina. Como consequência disso, a hierarquia social local foi polarizada entre os proprietários das grandes fazendas e seus agregados, livres ou escravos.

Entre estes donos e ajuntados, havia uma relação de favorecimento onde os primeiros supriam as necessidades primárias e proteção dos segundos, que em troca em troca pagavam pelo uso da terra e deviam obediência e fidelidade, fortalecendo estes laços através do apadrinhamento formando uma família extensa. Esse tipo de relação que E.P. Thompson considera como paternalismo:

“...concessões onde um indivíduo dominante concede sustento ou benesses, em troca de obediência e fidelidade, sem com isso utilizar-se da força física valendo-se do carisma” (Thompson, 1998).

20

Por não deter a posse da terra, os vaqueiros da Chapada eram remunerados com uma forma de pagamento a longo prazo, designado localmente como “meia” ou “sorte” (Roniger, 1991), iniciava quando o proprietário delegava uma

pequena faixa de terreno dentro da sua propriedade para que uma família de agregados pudesse criar gado, e plantar para a sua própria subsistência, ao final de um ano um percentual, acertado antecipadamente, que girava em torno de um dentre quatro animais acima de um ano de idade (Prado Jr., 1976), ou seja, a depender da habilidade do vaqueiro, o mesmo poderia receber até 25% dos animais em um período de um ano.

A realidade socioeconômica começou a modificar-se radicalmente quando da intensificação da Revolução Industrial Europeia no século XIX, com o crescimento exponencial da demanda por carvão, ferro e aço. Eric Hobsbawm denomina este período de 1880 a 1930, como idade de ouro (ou de ferro) do desenvolvimento industrial europeu (Hobsbawm, 1988, p. 33). O carvão se tornou uma fonte que correspondia a 95% de toda a energia consumida na Europa, não somente na indústria, mas também no ambiente doméstico onde o mineral era utilizado para alimentar os fogões e aquecedores das residências (Hobsbawm, 1988, p. 43).

O ciclo produtivo centralizado em minérios ou liga metálicas baseava-se na extração mineradora começava pela própria construção das máquinas. A maquinaria moderna da época era predominantemente movida a vapor e construída de ferro e aço. Passava pela necessidade de carvão para movimentar as máquinas e serem extraídos (ferro) e manufaturados (aço)<sup>1</sup>, para que depois serem construídas mais máquinas de perfuração do próprio carvão e fechava o ciclo com transporte de minérios, manufaturados e pessoas pelos trens nas estradas de ferro.

O aumento em grande escala da produção para atender a demanda, somente foi possível com a melhoria das técnicas de mineração que permitiram abrir galerias maiores com a utilização de explosivos. Em 1850, foi inventada a perfuratriz a vapor, que fora aperfeiçoada com a utilização de brocas de diamante em 1864, e logo depois veio a substituição da pólvora negra pela dinamite em 1865, que substituiu completamente a força humana com suas picaretas, pela utilização exclusiva das máquinas, modificando a tecnologia de abertura de minas dinamizando a produção e a oferta de minerais na escala necessária para o desenvolvimento industrial da época.

Entretanto, o processo de se perfurar a rocha e cronometrar explosões na abertura das galerias nas minas, exigia um elemento de extrema dureza fosse utilizado nas pontas de brocas das perfuratrizes a vapor. Em pouco tempo o diamante se tornou inviável por conta do seu alto valor como jóia, como alternativa, um engenheiro francês, adaptou o uso ao carbonado nas perfuratrizes em 1871. Este novo elemento era um diamante de baixa qualidade, relativamente abundante em algumas regiões do Brasil e da

---

<sup>1</sup> O aço é uma liga metálica constituída basicamente de ferro e carbono que necessita de temperaturas muito altas para ser confeccionado.



Oceania (Bruton, 1983), (Matoso, 2001), e que viabilizou todo o processo fechando o ciclo.

Depois da descoberta das propriedades industriais do carbonato foram estabelecidas intensas relações comerciais com a Europa, essa parte da Bahia atraiu representantes comerciais de vários países, algumas empresas compraram terrenos na Chapada Diamantina e mantiveram durante algum tempo engenheiros em empregados na região (Augusto, 2007, p. 31). Alguns homens da região se estabeleceram como intermediários exclusivos no comércio do produto, entre compradores estrangeiros constituíam prepostos comerciais na Chapada Diamantina, e os pequenos mineiros que extraíam o mineiro se no entanto conhecer o seu real valor. Com isso, foi estabelecida uma hierarquia que ia do pequeno garimpeiro ao grande capitalista, como eram conhecidos os poucos homens que negociavam diretamente com os europeus. não por coincidência eram em sua maioria negros ou mestiços, comandados pelo Coronel Francisco Dias Coelho, então, o maior capitalista sertanejo e entre os dez mais influentes coronéis da Bahia (Pang, 1979).

Os impactos da exploração de carbonato foram imediatos, e possibilitou àqueles que primeiro adentrassem no comércio de pedras que se organizassem como comerciantes exclusivos, nascendo uma nova classe social, favorecidos pelo livre trânsito com os mineiros da região e pela descrença inicial dos pecuaristas que duvidavam que atividade mineradora viesse a render dividendos.

Thompson, caracteriza classe como uma categoria histórica descritiva de pessoas numa relação no decurso do tempo e das maneiras pelas quais se tornam conscientes de suas relações, como se separam, unem, entram em conflito, formam instituições e transmitem valores de modo classista (Thompson, 2001, p. 260), e que se delinea segundo o modo como homens e mulheres vivem suas relações de produção e segundo a experiência de suas situações determinadas, no interior do “*conjunto de suas relações sociais*” com a cultura e as expectativas a eles transmitidas e com base no modo pelo qual se valeram dessas experiências em nível cultural (Thompson, 2001, p. 277)

### **O domínio político dos negros e a modernidade no urbanismo da Chapada Diamantina**

Em 1898, após o domínio econômico da região, os comerciantes negros investiram na política local, disputando eleições e interferindo diretamente nas alianças políticas regionais, formando um partido político com características étnicas.

22

Para Max Weber:

“Em quaisquer associações políticas (...), nas quais os que exercem o poder são eleitos com periodicidade, a empresa política assume a forma

de uma organização de interesses. Isso significa que um número relativamente pequeno de homens interessados na vida política, isto é, para participar do poder escolhe adeptos, apresenta-se ou apresenta os seus protegidos com candidatos a cargos eletivos, reúne recursos financeiros exigidos e põe-se à rua à procura de votos” (Weber, 2003, p. 51).

O partido dos comerciantes negros foi alcunhado localmente de “Coquís”, como referência pejorativa a um pássaro negro, de bico longo e bastante ruidoso, que servia de xingamento para se referir aos negros locais. Com o poder do dinheiro e utilizando de estratégias de dominação baseada principalmente na utilização do carisma, construindo uma imagem pública do seu líder estes negros chegaram ao poder e iniciaram um processo de modernização da administração urbana modificando por completo a forma de se administrar a cidade.

As ideias de modernidade chegaram ao Brasil no final do século XIX, embalada pela Revolução Industrial, para a região da Chapada Diamantina, provavelmente, com um contato maior com comerciantes franceses, houve uma influência muito grande na modernidade sertaneja por parte destes. Havia no projeto francês um sentimento de modernidade visando a higienização da cidade e a circulação de pessoas e mercadorias, com a mudança nos cemitérios, alargamento de ruas, e um rígido código de posturas que normatizava a vida da população (Ortiz, 1991).

O projeto de reforma urbana da cidade de Morro do Chapéu, está descrito na Lei municipal número 31 de 1910. Essa lei teve com pretexto controlar um surto de varíola que atingiu a região naquele ano, no entanto, colocou em prática o mesmo modelo de reforma urbana implementada poucos anos antes em Paris.

O projeto modernista da elite negra, se resumia a três pontos principais: primeiro, a remodelação urbana local com o alargamento das ruas, iluminação pública e o abastecimento de água encanada, o disciplinamento das construções urbanas além de obras públicas como pontes e estradas que interligasse todo o município; segundo, a higienização da cidade, a construção de abatedouros públicos com inspeção da carne comercializada na cidade, limpeza de rios; e por último, a assistência social com um projeto de alfabetização com a construção de escolas e contratação de professores, construção de hospital, abrigos para idoso e orfanatos, e a instalação de espaços de cultura erudita como biblioteca pública, orquestra filarmônica e teatros.

Mesmo com a prática em tempo muito curto, as medidas aparentam ter uma perspectiva de futuro, a cidade na época contava com dezesseis ruas e três praças, e a legislação local versava sobre coisas sequer existiam, como por exemplo a construção de casas com mais de dois pavimentos, cuja construção era disciplinada no código de posturas municipal. A nova elite modificou muitos dos costumes tradicionais e interferiu no cotidiano da população,

principalmente dos mais pobres, de onde vinha o apoio eleitoral dos governantes negros e mais passível a revoltas. Como estratégia de dominação, o partido dos negros tomou duas medidas principais, a primeira delas era que a municipalidade assumia os custos nas modificações estruturais das casas daqueles que evidentemente não poderiam pagar, e ao mesmo tempo buscava não se distanciar do povo promovendo a construção de uma imagem pública dos seus líderes que não fugia ao que a população pensava a respeito dos mesmo.

### **Influências europeias na política e no cotidiano local**

O novelista Herberto Sales, descreve o assombro com que os primeiros compradores europeus de carbonato foram recepcionados pelos moradores locais, segundo ele, a população se espantava com aqueles:

(...) homenzarrões loiros que andavam sem chapéus. De sapatos de borracha e cachimbo na boca ali se demorando de duas a três semanas. Eram os representantes das firmas estrangeiras importadoras de diamantes e carbonatos. Os gringos eram olhados com curiosidade sempre nova. Não só por sua língua arrevesada e seus hábitos despachados, como também por sua indumentária esportiva, que a todos parecia assentar muito mal em homens de tão largas posses. Eram, ao mesmo tempo, olhados com um misto de respeito e assombro; por trás deles ficava uma coisa vaga e remota chamada Europa, coma suas lapidações sem as quais não haveria escoamento da produção diamantífera do município. (Sales, 1975, p. 127)

Duas coisas chamam atenção na afirmação acima: a primeira delas era quanto ao porte e aparência física dos estranhos visitantes, os loiros e extremamente brancos, contrastava com a coloração mestiça ou negra da população local; a segunda estava relacionada costumes e as vestimentas, o idioma incompreensível, aliados a forma de se vestir e portar-se nas ruas geravam ao mesmo tempo espanto e admiração, e com o passar do tempo, foram incorporados primeiro pela elite depois pela população em geral.

Alguns dos costumes foram rapidamente incorporados pela elite local, logo na virada do século XIX para o XX, a elite mandou construir teatros e fundou orquestras, para que a temática da vida cotidiana europeia se fizesse presente no cotidiano dessas pessoas que passaram a vestir-se como os estrangeiros, tornava-se importante imitar os que vinham de fora. Como complemento a essa prática, a fotografia foi um instrumento de divulgação da imagem pública das pessoas que os aproximavam dos europeus, ao menos nas imagens.



**Figura1. fotografia do filho de um comerciante de diamantes local. sem data. arquivo digital do pesquisador.**

No final do século XIX, a fotografia ainda era um recurso muito caro mesmo para a elite sertaneja da Chapada Diamantina. Os equipamentos, mesmo que rudimentares eram caros e difíceis de operar exigindo um período relativamente longo de exposição para se obter boas fotografias, após isso, a revelação dos negativos também custava caro e impossibilitava o processo de ser realizado e na localidade normalmente levando o material primário para ser revelado em Salvador, para tempos depois serem entregues aos seus proprietários.

O recurso havia chegado ao Brasil fazia pouco tempo, a princípio, os custos eram proibitivos para as camadas médias da população. Os mandatários locais rapidamente se apropriaram do recurso e construíram para si uma imagem pública que atendesse às suas necessidades perante o eleitorado local, as primeiras fotografias foram feitas em estúdios fotográficos em Salvador, capital da Bahia, mas com o barateamento das técnicas e equipamentos, e consequentemente a popularização que em certa medida chegava às classes menos abastadas a estética da elite negra, começou a se impor na região.

Nos primeiros anos não existiam fotógrafos residentes na região. Os primeiros fotógrafos eram itinerantes, denominados localmente como “retratistas”, que passavam de vila em vila retratando as pessoas mais abastadas ou eventos locais. A elite comercial que já se envolvia com política, viu na fotografia uma possibilidade de construção da sua imagem pública, como também de demonstração de seu status, pessoas importantes localmente com o Coronel Dias Coelho distribuía anualmente fotografias para os seus correligionários, que era recebido com pela população como benefício e prova de “consideração”, talvez porque, a população mais pobre não sabia que a

diferença de custo de entre uma ou centenas de copias da mesma fotografia não representava um custo proibitivo para a elite, mas era vista como uma oferta individual no momento em que esta população mais pobre se registrada fotograficamente eram poucas vezes na vida (Sampaio, 2011).



**Figura 1. Fotografia do Coronel Francisco Dias Coelho com a Farda da Guarda Nacional Brasileira. 1915, Arquivo digital do pesquisador. A original encontra-se na Capela da Soledade em Morro do Chapéu.**

O maior símbolo de status da região era fazer parte do comando da Guarda Nacional Brasileira. Para a o nordeste do Brasil, a instituição mesmo que representante da velha categoria imperial brasileira ainda significava poder e domínio, enquanto os novos costumes apareciam como avanços para um progresso próximo e inevitável. O status dos chefes locais também era determinado pela posição que ocupava na hierarquia da Guarda Nacional e difundido para toda a região por imagens fotográficas. A fotografia acima, o Coronel Francisco Dias Coelho, mais importante comerciante de pedras preciosas da Bahia, veste a farda de gala da Guarda nacional Brasileira. O uniforme era inspirado na farda do Exército prussiano, até então considerado o mais, admirado da época, que fora imitado no Brasil para dar mais pompa e elevar o status dos comandantes gerais da instituição brasileira.

Como “corpo de segunda linha”, militarizada com a função de promover a defesa interna do país, a Guarda Nacional também mantinha uma hierarquia militar, com as mesmas patentes do exército, com a prerrogativa de que os seus comandantes maiores somente deviam reposta ao ministro da justiça ou ao governador do estado, estes normalmente eram aliados ou dependentes políticos dos votos dos chefes locais o que dava plenos poderes ao s líderes

locais, que compunha a elite da instituição com as patentes de tenentes-coronéis, daí ficarem conhecidos os chefes locais como coronéis.

Os coronéis da Chapada Diamantina, influenciados pelo positivismo sabiam que junto com as ideias de modernidade, civilização e evolução que chegaram ao Brasil, na transição do século XIX para o século XX, também metas de embranquecimento baseadas no racismo científico, que se fazia presente no darwinismo social europeu que chegava ao Brasil neste período (Reis, 2012, p. 55). Os cientistas brasileiros da época pensavam a nação brasileira e os brasileiros como atrasados e incivilizados, pois, tinham como parâmetro os moldes da civilização europeia da época, que eles consideravam o auge da evolução humana. Constituía um desafio para os cientistas da época por conta da heterogeneidade racial da população brasileira.

O médico antropólogo forense e Nina Rodrigues, maranhense radicado na Bahia, realizou importantes estudos antropológico-legais no início do século XX, em Salvador, e que tinha como embasamento teórico as ideias de Gobineau, afirmava que:

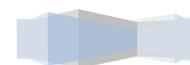
A raça negra no Brasil, por maiores que tenham sido os seus incontestáveis serviços à nossa civilização, por mais justificadas que sejam as simpatias de que a cercou o revoltante abuso da escravidão, por maiores que se revelem os generosos exageros dos seus turiferários, há de constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo (Rodrigues, 2010, p. 15).

Rodrigues afirmava ainda que o critério de científico de inferioridade racial dos negros nada teriam a ver com o que foi feito na escravidão, tanto brasileira quanto norte americana, mesmo porque, para a ciência da época essa inferioridade era algo perfeitamente natural, dada a inferioridade biológica dos negros que se refletia na sua intelectualidade e, que portanto interferiria no desenvolvimento do país enquanto nação, para ele, o país somente conseguiria tal status após passar por gerações de miscigenação, quando o elemento negro desapareceria da sociedade brasileira, então o Brasil estaria preparado para civilizar-se. (Rodrigues, 2010, p. 12).

Alguns inconvenientes políticos aconteceram para desacreditar sua teoria perante a classe política na Bahia. O seu livro, “Os Africanos no Brasil”, foi publicado pela primeira vez no mesmo ano da morte do seu autor em 1906, coincidentemente, um ano depois, então governador da Bahia da época, José Marcelino, publicou no jornal Diário de Notícias, então o jornal de maior circulação em Salvador uma nota de agradecimento ao Coronel Dias Coelho por comandar os coronéis do sertão apoiando a candidatura do seu sucessor, que fora determinante para a vitória<sup>2</sup>. Parece ser contraditório que a autoridade máxima do estado, dependesse do apoio de alguém que era biológica e

---

<sup>2</sup> Diário de Notícias, 15 e 16 de abril de 1907. (Arquivo Biblioteca Pública da Bahia, seção de periódicos)



intelectualmente inferior para conseguir ser eleito. O mais provável é que o pensamento científico da época não estivesse em consonância com os políticos do momento.

Somente o domínio das instituições locais através do domínio da economia de da política, não garantia aos “Coquís” a completa aceitação por parte de todos os setores da sociedade. Ainda havia na região um certo sentimento de repulsa por parte dos brancos com relação à autoridade dos negros, ainda que parte destes estivesse do domínio político e fossem os maiores empregadores do lugar. É necessário rememorar que a abolição oficial da escravatura no país havia se dado havia pouco mais de duas décadas antes, muitos dos que ainda estavam atuantes na sociedade foram proprietários de escravos e mesmo entre os brancos pobres ainda permanecia este sentimento. Isso pode ser visto nas manifestações locais, quando um jornal fundado por um branco pobre, aliado e financiado pelo coronel Francisco Dias Coelho resolve elogiá-lo.

Apesar da cor da sua epiderme(grifo nosso), Dias Coelho, distinto, generoso, trabalhador e progressista, tinha como que o condão de atrair a simpatia de quem o aproximava. Foi realmente um homem raro, de envergadura notável, de caráter sem jaça e de um valor extraordinário – o orgulho de um povo, o dinamismo que fazia gerar a vida, progresso e alegria para Morro do Chapéu.<sup>3</sup>

Para a elite local, era claro que havia uma tolerância, mas, que ainda que detivesse o poder econômico e político da região, ainda carregavam o estigma da cor, as estratégias para se conviver com o racismo evidenciado no imaginário coletivo local, foram estabelecidas com base na aceitação de pressupostos de embranquecimento utilizado formas sutis, mas refinadas como forma de se impor perante os grupos subalternos e a antiga elite insatisfeita, ainda que iniciado pelos primeiros, pode ser mais claramente observada na segunda geração de políticos negros.

Uma das formas de embranquecimento utilizadas por essa elite negra foi o casamento com mulheres brancas pobres. Para estes, o matrimônio representava uma possibilidade de ascensão, era funcional na medida em que os seus descendentes, seriam mestiços e algumas gerações depois passariam a ser brancos, corroborando com os pressupostos raciológicos, ainda que não concordassem com as afirmações científicas da época, procuravam meios de dissimular a cor.

Por ter consciência que somente o dinheiro não lhes garantiria sobrevivência política por muito tempo, os comerciantes investiram na educação universitária dos seus filhos, novamente a fotografia representava o instrumento para aglutinar em torno de si a população local. A próxima geração dessa nova elite fora enviada para estudar direito e medicina na capital da Bahia, de onde enviavam fotografias para serem utilizadas na cidade como objetivo a ser

<sup>3</sup> Correio do Sertão, 15 de fevereiro de 1949. (arquivo do Jornal na cidade de Morro do Chapéu, Bahia)

“Negros de alma branca”. A assimilação de costumes europeus por parte da elite negra da chapada diamantina, nordeste do Brasil, nos últimos anos do século XIX e início do XX

alcançado por toda a população negra local. Ainda que a universidade representasse um universo muito distante para a população mais pobre do município.

Para a geração subsequente aos primeiros comerciantes negros, os anos de convivência com a elite da capital modificaram os seus conceitos quanto a imagem a ser construída. Ao retornarem para a Chapada Diamantina, já estavam casados com moças também brancas da capital, e se distanciavam cada vez mais da população que dava suporte aos seus pais, embora ainda mantivesse alguns costumes como o de distribuir fotografias, estas sofriam tratamento para embranquecer os seus retratados, de modo que não se pareciam mais com a população local.



**Figura 2. Fotografia do Doutor Deusdedith Dias Coelho/ sem data. Arquivo digital do pesquisador**



**Figura 3. Deusdedith Dias Coelho ainda Jovem sem data. Arquivo digital do pesquisador.**

As duas fotografias acima pertencem ao mesmo homem, o Doutor Deusdedith Dias Coelho em dois momentos distintos da sua vida. Filho do Coronel Dias Coelho e seu sucessor político por um breve período de tempo, ainda na juventude foi estudar medicina na capital do estado, voltou para a cidade depois de graduado para assumir os negócios da família, e a liderança do partido político após a morte do seu pai em 1917. Ainda que mantivesse a fortuna, o poder político fora deficiente, pois não possuía o mesmo carisma, nem a mesma aproximação com a população que os seus predecessores haviam conseguido.

Ainda que caro, as pessoas que financeiramente não faziam parte dessa elite, também adotaram os costumes nas vestimentas e maneira de se comportar, como foi registrado em fotografias, que se adequavam a estética proposta pela elite negra. Neste caso, a imitação de vestimentas e posturas demonstradas nas fotografias dificilmente se coadunava como as reais roupas utilizadas no dia-a-dia da região, ainda que a altitude da Chapada Diamantina lhe conferisse uma média de temperatura anual mais amena com relação ao restante do sertão da Bahia, ainda assim, estava sob o clima tropical brasileiro, e de clima mais acalentado pela região de semiárido, então, o pouco comercio e a vida urbana pouco intensa não justificaria o cotidiano destas roupas. Entretanto, vê-se o cotidiano, ao mesmos em momentos festivos ou de pose para as fotografias sendo modificado, por costumes burgueses de uma elite que se não pode ser classificada como burguesa, certamente admirava e seguia a burguesia do outro lado do Atlântico, e influenciava a sociedade de maneira tal que mesmo vaqueiros e agricultores, ainda que somente em dias de feira, quando estavam na Vila de Morro do Chapéu, assumia estes trajes, como se fizessem parte do seu cotidiano.



**Figura 5. Fotografia de anônimos em Morro do Chapéu. autor Eurícles Barreto/ sem data. Arquivo privado da família.**

## Considerações finais

Assim, podemos considerar que os anos finais do século XIX e início do seguinte foram de florescimento e aparecimento de uma nova elite regional, surgida quando um grupo de negros e mestiços enriquecidos pelo comércio de pedras preciosas na cidade de Morro do Chapéu na Chapada Diamantina, adentrou no universo político regional, utilizando-se de técnicas construção de uma imagem pública que lhes aproximava dos ideias modernistas europeus influenciados pelos comerciantes de carbonatos estrangeiros que apareciam na região. Estes políticos negros, eram hostilizados pela antiga elite branca que jocosamente lhes apelidou de Coquís tiveram que desenvolver estratégias de dominação para que pudessem se manter no poder por um certo período de tempo utilizando-se do paternalismo, mas utilizaram como estratégia de dominação, se aproximando etnicamente da população, e de certam maneira se misturando com a antiga elite através do casamento.

Com a chegada das ideias modernistas que posteriormente passaram a fazer parte parte do seu projeto administrativo, também vieram as teorias raciológicas de inferioridade negra, que foi deglutido de maneira que se houvesse uma adaptação, buscaram através da fotografia construir a imagem pública dos chefes locais. Ao mesmo tempo, com o aburguesamento dessa enviaram seus filhos para estudar na capital e retornarem como “doutores”, o que era importante no imaginário local. Essa nova geração, educada na capital se distanciou dos costumes sertanejos e também através da fotografia embranqueceram os seus costumes e sua pele nas fotografias com o objetivo de serem aceitos pelas antigas elites. Ao que as fontes indicam, o ideário burguês adentra no imaginário coletivo da população como um todo chegando a “moda” europeia às outras camadas da população , ainda que não vestisse a mesma qualidade de tecido nas roupas imitavam os modelos como forma de se inserir não sociedade local, o que por vezes contrariava os ditames científicos da época. Como não podiam embranquecer a cor pele de forma direta, o faziam pelo casamento , ou pela manipulação das fotografias, e ainda quando isso não era possível, assumiam os valores e a estética branca se volvendo em “Negros de Alma Branca”.

## Bibliografia

- Augusto, E. (2007). *literatura e documento: historias e mitos na primeira narrativa de Herberto Sales*. São Paulo, Brasil: Alfa-Omega de Ciencias Sociais.
- Bandieri, S. (2007). Nuevas investigaciones, otra historia: la Patagonia en perspectiva regional. In S. Fernández, *Más Allá del territorio: la historia regional local como problema. Discusiones, balances y proyecciones* (pp. 47 - 72). Rosario, Argentina: Prohistoria Ediciones.
- Boaventura, E. A. (1989). *Fidalgos e vaqueiros*. Salvador, Bahia, Brasil: Universidade Federal da Bahia.

- Bruton, E. (1983). *Diamantes*. Barcelona, España: Edición Universitat de Barcelona.
- Castro, J. B. (1979). *A Milícia Cidadã: A Guarda Nacional de 1831 a 1850* (2 ed.). São Paulo, Brasil: Companhia Editora Nacional.
- Catarino, J. M. (1970). *Garimpo - garimpeiro - garimpagem*. Rio de Janeiro, Brasil: Polibibliion.
- De Juana, J. (1995). A volta do "genius loci". *Historia a debate* , pp. 99-109.
- González, L. (1972). *El Pueblo en vilo: microhistoria de San José de Gracia* (2 ed.). México, Mexico: El colegio de Mexico.
- Hobsbawn, E. J. (1988). *A era dos Impérios*. São Paulo, Brasil: Paz e Terra.
- Martínez Assad, C. (2006, enero-kunio). Los desafios de la historia regional. *Tzintzun. Revista de Estudios Historicos* , pp. 213-230.
- Matoso, K. (2001). *A Bahia no seculo XIX*. São Paulo: Cia das Letras.
- Meyer, J. (2007). Historia Nación y región. In V. Oikón. Michoachan, México: El Colegio Michoachan.
- Mello, M. A. (1989). *História política do Baixo e Médio São Francisco: um estudo de caso de coronelismo*. Salvador, Bahia , Brasil: Universidade Federal da Bahia.
- Morel, M. (1999). Animais, monstros e disformidades: a zoologia política na construção do Império do Brasil. (F. G. Vargas, Ed.) *Estudos Históricos* , 13 (24).
- Ortiz, R. (1991). *Cultura e Modernidade*. São Paulo, Brasil: Brasiliense.
- Pang, E. S. (1979). *Coronelismo e oligarquias*. São Paulo, Brasil: Civilização Brasileira.
- Prado Jr., C. (1976). *História econômica do Brasil*. Sao Paulo, Brasil: Brasiliense.
- Sales, H. (1975). *Cascalho*. Rio de Janeiro, Brasil: Civilização Brasileira.
- Santos, M. (2003). região, globalização e identidade. In L. Lima, *conhecimento e reconhecimento: uma homenagem ao geógrafo cidadão no mudo* (pp. 53-64). Fortaleza, Brasil: Educel/LCR.
- Sampaio, M. (2011). Otra mirada sobreel coronelismo en interior de Bahia. *Revista Paginas* , pp. 79-101.
- Sodré, N. W. (1998). *Panorama do Segundo Império* (2ª ed.). Rio de Janeiro, Brasil: Graphia.
- Reguera, A. (2007). El significado de la historia local en la región de la frontera sur. El caso de Tandil. In S. Fernández, *Más Allá de territorio: la historia regional y local como problema. Discusiones, balances y proyecciones* (pp. 73 - 94). Rosario, Argentina: Prohistoria Ediciones.
- Reis, C. A. (2012). A reabilitação do negro e do mestiço na história do Brasil: Manoel Quirino e swu projeto de identidade nacional. In J. Nascimento , & H. Gama, *Personalidades negras: Trtjetórias e estrat'gias políticas*. Salvador, Brasil: Quarteto.
- Rodrigues, R. N. (2010). *Os Africanos no Brasil*. Rio de Janeiro , Brasil: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Roniger, L. (1991, enero-junio). *Mediería y fuerza de trabajo rural: algunas ilustraciones ddel caso brasileño*. Retrieved agosto 13, 2012, from E.I.A.L. ESTUDIOS INTERDISCIPLINARIOS DE AMERICA LATINA Y EL CARIBE: [http://www.tau.ac.il/eia/ll\\_1/roniger.htm](http://www.tau.ac.il/eia/ll_1/roniger.htm)
- Thompson, E. P. (2009). *A miséria da teoria; ou um planetário de erros*. Porto Alegre, Brasil: Cap. Swing e Ludistas Sensuais.
- Thompson, E. P. (2001). *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, São Paulo, Brasil: Editora Unicamp.

“Negros de alma branca”. A assimilação de costumes europeus por parte da elite negra da chapada diamantina, nordeste do Brasil, nos últimos anos do século XIX e início do XX

---

Thompson, E. P. (1998). *Costumes em comum: estudos sobre a cultura tradicional*. São Paulo, Brasil: Cia das Letras.

Weber, M. (2003). *A política como vocação*. Brasília, Brasil: Editora Universidade de Brasília.

Van Young, E. (1991). Haciendo Historia Regional: Consideraciones metodológicas y teóricas. In P. H. Pérez, *Región e historia en México (1700-1850)* (pp. 99-122). México DF, Mexico: Instituto Mora/UAM.

Recibido con pedido de publicación 07/03/2014

Aceptado para publicación 14/05/2014

Versión definitiva 03/06/2014

